

23 a 25 de Março de 2026 | Evento 100% Online

# CONGRESSO INTERNACIONAL IDEA 2026

Inovação, Diálogo e Experiências na Aprendizagem

Educação e Humanidade: Conectando  
Inteligências, Cultura e Propósito Global.



## EDUCAÇÃO MEDIADA POR TECNOLOGIAS

### Mudanças e Inovações Curriculares para a Fluência Leitora nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Autor; s.helena.ribeiro@uol.com.br; Must Univrsity

**Modalidade: Artigo**

**Área Temática: Tecnologias Imersivas (RA/RV e Híbridos).**

#### Resumo:

A inserção das tecnologias digitais no contexto educacional tem provocado transformações significativas nas práticas pedagógicas, especialmente nos anos iniciais do ensino fundamental. Nesse cenário, destaca-se a necessidade de compreender como esses recursos podem contribuir para o desenvolvimento da fluência leitora. Assim, o presente estudo teve como objetivo analisar o papel das tecnologias digitais como mediadoras no processo de ensino-aprendizagem da leitura, investigando suas contribuições, potencialidades e desafios. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico, fundamentada na análise de produções acadêmicas e referenciais teóricos relevantes sobre educação, tecnologias digitais e fluência leitora. Foram selecionados autores que discutem a integração entre práticas pedagógicas e recursos tecnológicos, buscando estabelecer relações entre teoria e prática educacional.

Os resultados indicam que o uso intencional e planejado das tecnologias digitais pode favorecer o desenvolvimento da fluência leitora, tornando o processo de aprendizagem mais dinâmico, interativo e significativo. Observou-se que ferramentas digitais ampliam o acesso a diferentes gêneros textuais e estimulam o engajamento dos estudantes. Contudo, também foram identificados desafios, como a necessidade de formação docente adequada e o uso crítico dessas tecnologias.

Conclui-se que as tecnologias digitais, quando integradas de forma consciente às práticas pedagógicas, constituem importantes aliadas no desenvolvimento da leitura. No entanto, sua efetividade depende da mediação do professor e de estratégias pedagógicas bem estruturadas, reforçando a importância da formação continuada e do planejamento didático.

**Palavras-chave:** Tecnologias Digitais; Fluência Leitora; Ensino fundamental; Práticas Pedagógicas; Mediação Docente

#### Introdução

As transformações provocadas pelo avanço das tecnologias digitais têm impactado profundamente a forma como as pessoas aprendem e se relacionam com o conhecimento. No campo educacional, essas mudanças se tornam ainda mais evidentes, especialmente nos anos



iniciais do ensino fundamental, fase em que se consolidam aprendizagens essenciais, como a leitura. Nesse contexto, pensar o desenvolvimento da fluência leitora implica considerar não apenas métodos tradicionais de ensino, mas também as possibilidades oferecidas pelas tecnologias digitais como ferramentas de mediação no processo educativo.

Embora a presença das tecnologias nas escolas seja cada vez mais comum, sua utilização ainda apresenta desafios significativos. Nem sempre esses recursos são incorporados de maneira intencional ou articulados a objetivos pedagógicos claros, o que pode limitar seu potencial no desenvolvimento da leitura. Ao mesmo tempo, estudos apontam que, quando bem utilizadas, as tecnologias digitais podem ampliar o acesso a diferentes textos, favorecer a interação e tornar a aprendizagem mais significativa. Essa tensão entre potencial e prática evidencia uma lacuna relevante na literatura: a necessidade de compreender, de forma mais aprofundada, como integrar tecnologias digitais às estratégias pedagógicas voltadas ao desenvolvimento da fluência leitora.

Sob a perspectiva de Paulo Freire (2016), o processo educativo se constrói na mediação e na intencionalidade pedagógica, o que reforça a ideia de que a tecnologia, por si só, não garante aprendizagem. De forma complementar, Pierre Lévy destaca que as tecnologias ampliam as possibilidades cognitivas, enquanto Seymour Papert defende seu uso como ferramenta para construção ativa do conhecimento. Essas perspectivas reforçam a importância de compreender o papel das tecnologias como mediadoras, e não substitutas, da prática docente.

Diante desse cenário, surge o seguinte problema de pesquisa: de que maneira as tecnologias digitais podem contribuir para o desenvolvimento da fluência leitora nos anos iniciais do ensino fundamental? A partir dessa questão, este estudo tem como objetivo geral analisar o papel dessas tecnologias como mediadoras no processo de ensino-aprendizagem da leitura.

Partindo da hipótese de que o uso planejado, crítico e intencional das tecnologias digitais pode favorecer o desenvolvimento da fluência leitora, tornando o processo de aprendizagem mais dinâmico e significativo. Por outro lado, considera-se que a ausência de formação docente adequada pode limitar esse potencial.

Como contribuição, este trabalho busca sistematizar evidências teóricas e propor uma reflexão crítica sobre a integração entre tecnologias digitais e práticas pedagógicas, diferenciando-se por enfatizar a fluência leitora como eixo central dessa relação.

Para alcançar os objetivos propostos, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico, baseada na análise de produções acadêmicas relevantes sobre o tema. De forma geral, foram analisados estudos publicados principalmente nas últimas duas décadas, selecionados a partir de sua relevância teórica e aderência ao objeto de investigação.

## **Fundamentação Teórica**

### **2.1 Educação e transformações na cultura digital**

A educação contemporânea está inserida em um cenário de profundas transformações impulsionadas pelo avanço das tecnologias digitais, que vêm modificando não apenas o acesso à informação, mas também as formas de interação, comunicação e construção do conhecimento. Essas mudanças ultrapassam a simples presença de recursos tecnológicos no



cotidiano escolar e alcançam dimensões mais amplas, relacionadas às maneiras como os sujeitos aprendem, produzem sentidos e se relacionam com o mundo.

Nesse contexto, a escola deixa de ser o único espaço legítimo de aprendizagem e passa a compartilhar seu papel formativo com diferentes ambientes, especialmente os digitais. Plataformas online, redes sociais, ambientes virtuais e múltiplas fontes de informação tornam-se parte da experiência cotidiana dos estudantes, exigindo uma revisão das práticas pedagógicas e do próprio papel do professor. Ensinar, nesse cenário, implica reconhecer que o conhecimento não está restrito ao espaço escolar, mas circula de forma dinâmica e descentralizada.

A cultura digital, conforme discutido por Lévy (1993), caracteriza-se pela circulação ampliada de informações e pela construção coletiva do conhecimento em rede. Essa dinâmica transforma a forma como o saber é produzido e compartilhado, deslocando o foco de uma aprendizagem centrada na transmissão de conteúdos para uma perspectiva mais participativa, interativa e colaborativa. O conhecimento deixa de ser compreendido como algo pronto e acabado e passa a ser construído continuamente, a partir da interação entre diferentes sujeitos e contextos.

Diante desse cenário, torna-se essencial pensar uma educação que dialogue com as práticas sociais contemporâneas. Os estudantes já estão inseridos em ambientes digitais e desenvolvem, fora da escola, formas próprias de interação com o conhecimento. Ignorar essa realidade pode acentuar o distanciamento entre o ensino escolar e o cotidiano dos alunos, tornando a aprendizagem menos significativa. Em contrapartida, quando as tecnologias são incorporadas de forma crítica e contextualizada, abrem-se possibilidades para práticas pedagógicas mais próximas da realidade dos estudantes, favorecendo o engajamento e a construção de sentidos.

Nesse contexto, a cultura digital também pode ser compreendida à luz das transformações estruturais da sociedade em rede, conforme discutido por Castells (2022),

A sociedade em rede é uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de informação e comunicação. Essas redes configuram a base de organização das atividades humanas, nas quais a informação se torna a principal matéria-prima, transformando profundamente as relações sociais, econômicas e culturais. (Castells, 2022, p. 553)

O autor destaca a centralidade da informação e das conexões na organização social contemporânea.

Esse movimento exige também uma mudança na forma de compreender o papel do professor. Mais do que transmissor de conteúdos, o docente assume a função de mediador, orientador e organizador de experiências de aprendizagem. Cabe a ele selecionar informações, propor situações desafiadoras e auxiliar os estudantes no desenvolvimento de competências necessárias para lidar com o excesso de informações característico da cultura digital.

Outro aspecto relevante refere-se à necessidade de desenvolver nos estudantes, habilidades que vão além do domínio de conteúdos. Em um contexto marcado pela abundância de informações, torna-se fundamental saber selecionar, analisar, interpretar e utilizar esses dados





de forma crítica e responsável. Assim, competências como autonomia, pensamento crítico, colaboração e letramento digital passam a ocupar lugar central no processo educativo.

A integração das tecnologias digitais à educação, portanto, não pode ser compreendida como uma tendência passageira ou como um recurso complementar. Trata-se de uma necessidade pedagógica que responde às demandas de uma sociedade em constante transformação. No entanto, para que essa integração seja efetiva, é fundamental que ocorra de forma planejada, intencional e alinhada aos objetivos de aprendizagem.

Quando utilizadas sem reflexão ou propósito pedagógico, as tecnologias tendem a reproduzir práticas tradicionais em novos formatos, limitando seu potencial transformador. Por isso, seu uso deve estar associado a propostas educativas consistentes, capazes de promover aprendizagens significativas e contribuir para a formação integral dos estudantes.

Dessa forma, pensar a educação na cultura digital implica reconhecer os desafios e as possibilidades desse cenário, buscando construir práticas pedagógicas que dialoguem com a realidade contemporânea e favoreçam o desenvolvimento de sujeitos críticos, autônomos e capazes de atuar de forma consciente na sociedade.

## 2.2 Concepções de leitura e formação do leitor

A leitura tem sido compreendida de diferentes maneiras ao longo do tempo, acompanhando as transformações sociais, culturais e educacionais. Em abordagens mais tradicionais, esteve frequentemente associada à decodificação de palavras, com foco no reconhecimento dos sinais gráficos e na capacidade de transformar símbolos escritos em sons. Essa perspectiva, embora importante no processo inicial de alfabetização, revela-se limitada quando se considera a complexidade do ato de ler.

Perspectivas contemporâneas ampliam esse entendimento ao conceber a leitura como um processo ativo, dinâmico e profundamente relacionado à construção de sentidos. Ler não se resume à identificação de palavras, mas envolve interpretar, inferir, relacionar informações e atribuir significados ao texto a partir das experiências e conhecimentos prévios do leitor. Dessa forma, a leitura passa a ser compreendida como uma prática social, situada em contextos específicos e marcada pela interação entre sujeito, texto e realidade.

Nesse sentido, as contribuições de Paulo Freire (2016) assumem papel central ao afirmar que a leitura do mundo conecta-se e completa a leitura da palavra.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (Freire, 2016, p. 11).

Essa concepção amplia significativamente o entendimento do ato de ler, ao evidenciar sua relação com a vivência do sujeito, sua cultura e seu contexto social. A leitura, nessa perspectiva, torna-se um instrumento de compreensão da realidade e de atuação crítica sobre ela. Ler implica, portanto, posicionar-se, questionar e dialogar com o mundo.



A formação do leitor, nesse contexto, ultrapassa o domínio técnico da leitura e passa a envolver o desenvolvimento de competências cognitivas, sociais e culturais. Trata-se de formar sujeitos capazes de compreender, interpretar e refletir criticamente sobre as informações com as quais entram em contato. Para isso, é fundamental promover práticas pedagógicas que valorizem a diversidade de gêneros textuais, incentivem o contato com diferentes linguagens e proporcionem experiências de leitura significativas e contextualizadas. Outro aspecto relevante refere-se ao papel da escola como espaço de formação leitora. Cabe à instituição escolar criar condições para que os estudantes tenham acesso a diferentes práticas de leitura, desenvolvendo não apenas habilidades técnicas, mas também o gosto pela leitura e a autonomia como leitores. O incentivo à leitura deve estar presente de forma contínua, integrando diferentes áreas do conhecimento e dialogando com a realidade dos alunos.

Estudos recentes indicam que a leitura em ambientes digitais exige novas habilidades cognitivas, como a navegação entre múltiplas fontes e a avaliação crítica da informação (Barzilai & Thomson, 2021).

Em uma sociedade marcada pela presença das tecnologias digitais, o ato de ler também se transforma. Textos multimodais, hipertextos e ambientes digitais ampliam as formas de interação com a linguagem, exigindo novas competências leitoras. O leitor contemporâneo precisa saber navegar entre informações, avaliar fontes, estabelecer conexões e integrar diferentes linguagens na construção de sentido.

Esse cenário amplia os desafios da formação do leitor, mas também abre novas possibilidades. A leitura em ambientes digitais pode favorecer o acesso a uma grande diversidade de conteúdos e estimular formas mais interativas de aprendizagem. No entanto, para que essas potencialidades se concretizem, é necessário que haja mediação pedagógica intencional, capaz de orientar os estudantes no desenvolvimento de uma leitura crítica e reflexiva.

Formar leitores na contemporaneidade implica considerar não apenas as habilidades tradicionais de leitura, mas também as demandas emergentes de uma sociedade digital. Trata-se de um processo contínuo, que envolve a articulação entre diferentes saberes, práticas e contextos, com o objetivo de formar sujeitos capazes de compreender e transformar a realidade em que estão inseridos.

### 2.3 Fluência leitora: conceitos e dimensões

A fluência leitora constitui um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento da competência leitora, especialmente nos anos iniciais do ensino fundamental. Mais do que a capacidade de ler rapidamente, trata-se de um processo complexo que envolve precisão, ritmo, entonação e compreensão, configurando-se como um importante indicador da proficiência em leitura. Essa compreensão ampliada permite reconhecer que ler com fluência significa atribuir sentido ao texto, articulando diferentes habilidades de forma integrada.

De acordo com Kuhn e Stahl (2016), a fluência está diretamente relacionada à capacidade de processar o texto de maneira automática. Quando o leitor já não precisa concentrar esforços no reconhecimento das palavras, torna-se possível direcionar a atenção para a construção de significados. Nesse sentido, a automatização da leitura não representa um objetivo final, mas um meio que possibilita uma compreensão mais profunda e eficiente do texto.



Esse processo está intimamente ligado ao desenvolvimento cognitivo do leitor. À medida que a leitura se torna mais fluida, há uma liberação de recursos mentais que podem ser utilizados para estabelecer inferências, identificar ideias principais e relacionar o conteúdo com conhecimentos prévios. Dessa forma, a fluência leitora contribui diretamente para o avanço das habilidades interpretativas e críticas.

Pesquisas mais recentes também destacam o papel da prosódia, entendida como a expressividade na leitura. A entonação adequada, o respeito às pausas e a modulação da voz revelam não apenas domínio técnico, mas também compreensão do texto. Um leitor que lê de forma expressiva demonstra ser capaz de interpretar a estrutura e o sentido do que está sendo lido, evidenciando uma leitura mais consciente e significativa.

Outro aspecto relevante refere-se à relação entre fluência e motivação. Quando o estudante consegue ler com maior facilidade e compreensão, tende a se engajar mais nas atividades de leitura. Esse engajamento favorece a prática constante, elemento essencial para o aprimoramento da fluência. Por outro lado, dificuldades nesse processo podem gerar frustração e desinteresse, impactando negativamente o desenvolvimento leitor.

Diante dessa complexidade, torna-se necessário adotar práticas pedagógicas que contemplem todas as dimensões da fluência leitora. Atividades que integrem leitura oral, compreensão textual e interpretação contribuem para um desenvolvimento mais consistente dessas habilidades. O trabalho com diferentes gêneros textuais e situações reais de leitura também favorece a construção de sentido e amplia o repertório dos estudantes.

Nos anos iniciais do ensino fundamental, esse processo assume um papel ainda mais significativo, pois constitui a base para aprendizagens futuras. A consolidação da fluência leitora impacta diretamente o desempenho em diferentes áreas do conhecimento, uma vez que a leitura é um instrumento fundamental para o acesso aos conteúdos escolares. Dificuldades nessa etapa podem comprometer não apenas a compreensão de textos, mas também o desenvolvimento global do estudante.

Investir no desenvolvimento da fluência leitora significa promover condições para que os alunos se tornem leitores competentes, capazes de compreender, interpretar e interagir com diferentes textos. Trata-se de um elemento central na formação acadêmica e social, que exige atenção contínua e práticas pedagógicas intencionalmente planejadas.

## 2.4 Tecnologias digitais e práticas pedagógicas

significativas nas formas de ensinar e aprender, exigindo uma reconfiguração das práticas pedagógicas. Esses recursos não apenas ampliam o acesso à informação, mas também transformam as dinâmicas de interação, permitindo a construção de conhecimentos de maneira mais colaborativa e significativa. Plataformas digitais, aplicativos educacionais e ambientes virtuais de aprendizagem passam a integrar o cotidiano escolar, abrindo espaço para práticas mais interativas, flexíveis e centradas no estudante.

Nesse cenário, o uso das tecnologias precisa estar articulado a propostas pedagógicas consistentes. Conforme destaca Moran (2018), sua efetividade está diretamente relacionada à adoção de metodologias que incentivem a participação ativa dos estudantes. Isso implica deslocar o foco do ensino transmissivo para abordagens que valorizem o protagonismo do





aluno, estimulando sua autonomia, curiosidade e capacidade de resolver problemas. O estudante deixa de ocupar uma posição passiva e passa a atuar como sujeito do próprio processo de aprendizagem.

Essa perspectiva encontra respaldo nas contribuições de Papert (1980), que compreende as tecnologias como ferramentas que potencializam a aprendizagem ativa. Para o autor, o conhecimento é construído por meio da interação do sujeito com o ambiente, especialmente quando ele está envolvido em atividades significativas. Nesse sentido, o uso das tecnologias pode favorecer experiências mais ricas, nas quais o estudante experimenta, cria, testa hipóteses e constrói saberes de forma mais autônoma.

Outro aspecto importante refere-se à possibilidade de personalização da aprendizagem. Recursos digitais permitem adaptar atividades às necessidades dos estudantes, respeitando ritmos, interesses e estilos de aprendizagem. Essa flexibilidade contribui para tornar o processo educativo mais inclusivo, ao oferecer diferentes caminhos para a construção do conhecimento.

Ainda assim, é importante reconhecer que o simples acesso às tecnologias não garante melhorias na aprendizagem. Quando utilizadas sem intencionalidade pedagógica, essas ferramentas podem apenas reproduzir práticas tradicionais em novos formatos, mantendo uma lógica centrada na transmissão de conteúdos. Nesses casos, o potencial inovador das tecnologias tende a se perder, limitando seu impacto no desenvolvimento dos estudantes.

Diante disso, o planejamento pedagógico e a mediação docente assumem papel central. Cabe ao professor selecionar os recursos mais adequados, organizar estratégias de ensino e orientar os estudantes no uso crítico das tecnologias. Essa mediação é fundamental para que as ferramentas digitais sejam utilizadas de forma significativa, contribuindo para o desenvolvimento de competências cognitivas, sociais e digitais.

A integração das tecnologias digitais à educação deve ser compreendida como um processo que vai além da inserção de ferramentas no ambiente escolar. Trata-se de uma transformação mais ampla, que envolve mudanças nas concepções de ensino, nas práticas pedagógicas e no papel dos sujeitos envolvidos. Quando bem articuladas, as tecnologias podem enriquecer o processo educativo e ampliar as possibilidades de aprendizagem.

## **2.5 Tecnologias digitais e fluência leitora**

A relação entre tecnologias digitais e o desenvolvimento da fluência leitora tem ganhado destaque nas discussões educacionais contemporâneas, especialmente diante das transformações nas formas de acesso à informação e produção de conhecimento. Ambientes digitais oferecem recursos que integram diferentes linguagens — texto, imagem, som e interatividade — configurando experiências de leitura mais dinâmicas e envolventes, que dialogam com o cotidiano dos estudantes.

Essas características contribuem para tornar a leitura mais acessível e significativa, sobretudo para alunos em processo de alfabetização. Ferramentas que associam leitura e áudio favorecem a compreensão da relação entre sons e grafias, enquanto elementos visuais e interativos auxiliam na construção de sentido. Esse conjunto de recursos permite que o



estudante estabeleça conexões mais amplas com o texto, apoiando não apenas a decodificação, mas também a compreensão e a expressividade leitora.

Outro aspecto relevante refere-se à ampliação do acesso a diferentes gêneros textuais. No ambiente digital, os estudantes têm contato com uma diversidade de formatos, como histórias interativas, textos informativos, vídeos legendados e conteúdos multimodais. Essa variedade contribui para a formação de leitores mais flexíveis, capazes de transitar entre diferentes linguagens e adaptar suas estratégias de leitura conforme o contexto.

A navegação em ambientes digitais também mobiliza habilidades cognitivas importantes, como a interpretação, a inferência e a organização de informações. Ao interagir com diferentes fontes e percursos de leitura, o estudante é desafiado a selecionar conteúdos, estabelecer relações e construir sentidos de forma mais autônoma. Essas competências são essenciais no contexto atual, marcado pelo grande volume de informações disponíveis.

De acordo com a OECD (2021), o desenvolvimento da leitura no século XXI está diretamente relacionado à capacidade de compreender, avaliar e utilizar informações em diferentes formatos e contextos digitais.

Apesar dessas potencialidades, o uso das tecnologias digitais requer atenção e intencionalidade pedagógica. Práticas pouco estruturadas podem levar a uma leitura fragmentada, caracterizada por dispersão e superficialidade, o que compromete o desenvolvimento da fluência e da compreensão leitora. Estudos como o de Pereira e Gomes (2021) apontam que a ausência de mediação adequada pode dificultar a consolidação de habilidades fundamentais para a leitura.

É indispensável que o professor seja mediador do processo de aprendizagem. Cabe a ele selecionar recursos, planejar atividades e orientar o uso das tecnologias de forma alinhada aos objetivos educacionais. Quando utilizadas com intencionalidade e fundamentação pedagógica, as tecnologias digitais podem contribuir significativamente para o desenvolvimento da fluência leitora. Caso contrário, seu potencial tende a se diluir em práticas pouco efetivas.

## **2.6 Formação docente e desafios da integração tecnológica**

A formação docente constitui um elemento central para que a integração das tecnologias digitais ocorra de maneira efetiva no contexto educacional. Embora esses recursos estejam cada vez mais presentes nas escolas, sua incorporação ao processo de ensino e aprendizagem ainda enfrenta entraves significativos. Muitos professores se deparam com dificuldades que vão desde o uso técnico das ferramentas até a compreensão de como integrá-las de forma significativa às práticas pedagógicas.

De acordo com Kenski (2021), incorporar tecnologias à prática pedagógica implica repensar as formas de ensinar e aprender. Esse movimento exige uma mudança de perspectiva, na qual o professor deixa de ocupar exclusivamente o papel de transmissor de conteúdos e passa a atuar como mediador do conhecimento. Nesse processo, o uso das tecnologias deve estar articulado a objetivos pedagógicos claros, evitando práticas que priorizem apenas o uso instrumental dos recursos.





Essa transformação demanda não apenas o domínio técnico das ferramentas digitais, mas também o desenvolvimento de uma postura crítica e reflexiva diante de suas potencialidades e limitações. O professor precisa ser capaz de avaliar quando, como e por que utilizar determinados recursos, considerando o contexto da turma, os objetivos de aprendizagem e as características dos estudantes. Trata-se, portanto, de uma competência que envolve saber pedagógico, tecnológico e didático de forma integrada.

Nesse cenário, a formação continuada assume papel fundamental. É por meio dela que os professores têm a oportunidade de refletir sobre suas práticas, compartilhar experiências e construir novos conhecimentos. A formação não deve se restringir a cursos pontuais ou treinamentos técnicos, mas precisa ser compreendida como um processo permanente, articulado à prática docente e às demandas reais da sala de aula. Espaços colaborativos de aprendizagem entre professores também se mostram relevantes, favorecendo a troca de saberes e o fortalecimento da prática pedagógica.

Outro aspecto importante refere-se à segurança e à autonomia do professor no uso das tecnologias. Quando há apoio institucional e oportunidades de formação consistentes, os docentes tendem a se sentir mais confiantes para experimentar novas metodologias e inovar em suas práticas. Por outro lado, a ausência desse suporte pode gerar insegurança e resistência, dificultando a incorporação de recursos digitais no cotidiano escolar.

As condições estruturais também exercem forte influência nesse processo. O acesso desigual às tecnologias, a limitação de equipamentos, a baixa qualidade da conexão à internet e a falta de suporte técnico são fatores que impactam diretamente a implementação de práticas pedagógicas mediadas por tecnologias. Esse cenário evidencia desigualdades educacionais que vão além da sala de aula, refletindo questões sociais mais amplas.

Somam-se a esses desafios as lacunas nas políticas públicas educacionais. A ausência de diretrizes claras, investimentos contínuos e programas de formação estruturados dificulta a consolidação de práticas inovadoras. Para que a integração das tecnologias digitais se efetive, é necessário que haja um alinhamento entre políticas educacionais, gestão escolar e prática docente.

A integração tecnológica na educação não pode ser compreendida como uma responsabilidade exclusiva do professor. Trata-se de um processo complexo, que envolve múltiplos fatores e exige ações articuladas em diferentes níveis. Quando há investimento em formação, infraestrutura e políticas públicas consistentes, cria-se um ambiente mais favorável para que as tecnologias contribuam, de fato, para a aprendizagem e para a formação dos estudantes.

## **Metodologia**

Este estudo foi desenvolvido a partir de uma abordagem qualitativa, por compreender que a investigação das relações entre tecnologias digitais, práticas pedagógicas e desenvolvimento da fluência leitora exige uma análise interpretativa, voltada à compreensão de significados, contextos e interações. Conforme destacam Lakatos e Marconi (2017), a pesquisa qualitativa possibilita explorar fenômenos complexos, permitindo uma leitura mais aprofundada das dimensões educacionais envolvidas.



No que se refere aos procedimentos, optou-se por uma pesquisa de natureza bibliográfica, entendida como aquela que se constrói a partir de materiais já elaborados, como livros, artigos científicos e documentos institucionais, com o objetivo de analisar e sistematizar o conhecimento produzido sobre determinado tema (Gil, 2019). Essa escolha metodológica se justifica pela necessidade de mapear o estado da arte das discussões sobre o uso de tecnologias digitais no ensino da leitura, identificando contribuições teóricas, lacunas e tendências contemporâneas.

Para a constituição do corpus da pesquisa, foram selecionados aproximadamente 25 trabalhos acadêmicos, entre livros clássicos e produções recentes, publicados prioritariamente entre os anos de 2000 e 2024. A seleção ocorreu a partir de critérios previamente definidos, como: (a) pertinência temática em relação ao objeto de estudo; (b) relevância dos autores no campo da educação e das tecnologias digitais; (c) atualidade das publicações; e (d) recorrência de citações em bases acadêmicas. Foram consideradas produções disponíveis em bases como Google Scholar, SciELO e periódicos da área da educação.

O processo de análise dos dados foi orientado por uma perspectiva interpretativa, inspirada na análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2016), que permite organizar, categorizar e interpretar informações de forma sistemática. Inicialmente, realizou-se uma leitura flutuante dos materiais selecionados, seguida da identificação de unidades de sentido relacionadas aos eixos temáticos da pesquisa, tais como: tecnologias digitais na educação, mediação pedagógica e fluência leitora. Posteriormente, esses elementos foram agrupados em categorias analíticas, possibilitando a construção de relações entre os diferentes estudos.

Além disso, a análise buscou identificar tanto convergências quanto divergências entre os autores, evitando uma abordagem meramente descritiva. Nesse sentido, adotou-se uma postura crítica, articulando as contribuições teóricas com as implicações práticas para o contexto escolar, conforme defendem Gil (2019), ao destacar a importância da interpretação reflexiva em pesquisas bibliográficas.

Cabe destacar que, embora a pesquisa bibliográfica não envolva coleta de dados empíricos, ela se configura como uma etapa fundamental na produção científica, especialmente quando o objetivo é compreender e sistematizar conhecimentos já consolidados. Segundo Lakatos e Marconi (2017), esse tipo de investigação permite estabelecer fundamentos teóricos sólidos, essenciais para análises críticas no campo educacional.

Por fim, reconhece-se como limitação deste estudo o fato de se basear exclusivamente em fontes secundárias, o que reforça a necessidade de pesquisas futuras de caráter empírico. Ainda assim, a metodologia adotada mostrou-se adequada aos objetivos propostos, contribuindo para uma compreensão abrangente e crítica sobre o papel das tecnologias digitais no desenvolvimento da fluência leitora.

## Resultados

A análise das produções selecionadas evidenciou que as tecnologias digitais têm sido amplamente reconhecidas como recursos capazes de potencializar o desenvolvimento da fluência leitora nos anos iniciais do ensino fundamental. De modo geral, os estudos apontam que essas ferramentas ampliam o acesso a diferentes gêneros textuais e favorecem o



engajamento dos estudantes, tornando o processo de leitura mais dinâmico e interativo (Moran, 2018; Kenski, 2021).

Observou-se também que ambientes digitais oferecem múltiplas possibilidades de interação com o texto, incluindo recursos multimodais, como imagens, áudios e hiperlinks, que contribuem para diversificar as experiências de leitura. Nesse sentido, os dados analisados indicam que o contato com diferentes formatos textuais pode favorecer o desenvolvimento de habilidades relacionadas à fluência leitora, como ritmo, compreensão e expressividade (Kuhn & Stahl, 2016; Kuhn et al., 2020).

Outro aspecto identificado refere-se à ampliação do repertório textual dos estudantes. Estudos apontam que a exposição a diferentes gêneros em ambientes digitais contribui para o desenvolvimento da adaptabilidade leitora e da interpretação (Hernández, 2019).

Por outro lado, os resultados também evidenciaram desafios importantes. Entre eles, destaca-se a formação docente, apontada como um fator determinante para o uso efetivo das tecnologias digitais em sala de aula (Pereira & Gomes, 2021). Além disso, foram identificadas limitações relacionadas à infraestrutura escolar e ao acesso desigual às tecnologias, especialmente no contexto da educação pública (NIC.br, 2024; Ministério da Educação, 2024).

## Discussão

Os resultados obtidos permitem observar uma convergência na literatura quanto ao potencial das tecnologias digitais no desenvolvimento da fluência leitora. No entanto, essa convergência não elimina as tensões presentes no campo. De um lado, há perspectivas que enfatizam o caráter inovador dessas tecnologias; de outro, abordagens que ressaltam a centralidade da mediação pedagógica.

Nessa direção, a reflexão proposta por Paulo Freire (2016) contribui para compreender que o processo educativo não se dá de forma automática, mas depende de intencionalidade e diálogo. Assim, a tecnologia deve ser compreendida como instrumento mediador, e não como elemento capaz de produzir aprendizagem de forma isolada. Essa visão dialoga com as contribuições de Lévy (1993), ao destacar que as tecnologias ampliam possibilidades cognitivas, mas não substituem o papel ativo do sujeito.

Além disso, a compreensão ampliada de fluência leitora reforça a necessidade de práticas pedagógicas que integrem diferentes dimensões da leitura. Nesse sentido, as tecnologias digitais se mostram promissoras por possibilitarem experiências multimodais, alinhadas às demandas contemporâneas. No entanto, conforme evidenciado nos resultados, sua efetividade depende de fatores como formação docente e condições estruturais.

Outro ponto relevante refere-se à necessidade de superar visões tecnicistas, que atribuem às tecnologias um papel central e autônomo no processo educativo. Em consonância com as ideias de Papert (1980), entende-se que o uso das tecnologias deve estar associado à construção ativa do conhecimento, mediada por práticas pedagógicas significativas.

A discussão evidencia que o uso das tecnologias digitais no desenvolvimento da fluência leitora deve ser compreendido de maneira integrada, considerando não apenas os recursos





disponíveis, mas também o contexto educacional, a atuação docente e os objetivos pedagógicos envolvidos.

### **Conclusão/Considerações finais**

Este estudo teve como objetivo analisar o papel das tecnologias digitais no desenvolvimento da fluência leitora nos anos iniciais do ensino fundamental, buscando compreender suas potencialidades e desafios no contexto educacional. A partir da análise das produções acadêmicas, foi possível identificar que essas tecnologias, quando utilizadas de forma planejada e intencional, podem contribuir significativamente para o processo de aprendizagem, especialmente ao tornar a leitura mais acessível, interativa e significativa para os estudantes.

No entanto, os resultados também evidenciam que a simples presença das tecnologias não garante melhorias na aprendizagem. Sua efetividade está diretamente relacionada à mediação docente, à formação profissional e às condições estruturais das instituições de ensino. Nesse sentido, reforça-se a compreensão de que a tecnologia deve ser integrada às práticas pedagógicas de forma crítica, alinhada aos objetivos educacionais e às necessidades dos alunos.

Como principal contribuição, este estudo sistematiza e problematiza a relação entre tecnologias digitais e fluência leitora, destacando a importância de uma abordagem que vá além do uso instrumental das ferramentas digitais. Ao enfatizar a mediação pedagógica como elemento central, o trabalho contribui para o avanço das discussões na área e oferece subsídios para a prática docente.

Do ponto de vista prático, os resultados podem auxiliar professores na reflexão sobre suas estratégias de ensino, incentivando o uso mais consciente e intencional das tecnologias digitais. Além disso, apontam para a necessidade de investimentos em formação continuada, de modo a preparar os docentes para os desafios da educação contemporânea.

Por fim, como limitação, destaca-se o caráter exclusivamente bibliográfico da pesquisa, o que indica a necessidade de estudos empíricos futuros que investiguem, em contextos reais, os impactos do uso das tecnologias digitais no desenvolvimento da fluência leitora. Sugere-se, portanto, que pesquisas posteriores explorem práticas pedagógicas concretas, contribuindo para aprofundar e validar as discussões aqui apresentadas.

### **Referências**

- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Barzilai, S., & Thomson, J. M. (2021). Children's reading in the digital age. *Educational Psychologist*, 56(2), 1–18. <https://doi.org/10.1080/00461520.2021.1871728>
- Castells, M. (2022). *A sociedade em rede* (8ª ed.). Paz e Terra.
- Fonseca, P., & Oliveira, R. (2022). Currículo e tecnologias digitais: articulação e práticas interdisciplinares. *Educação em Revista*, 38(2), 120–140.
- Freire, P. (2016). *Pedagogia da autonomia* (31ª ed.). Paz e Terra.
- Freire, P. (2016). *A importância do ato de ler*. Cortez.



- Gil, A. C. (2019). Métodos e técnicas de pesquisa social (7ª ed.). Atlas.
- Hernández, F. (2019). Transgressão e mudança na educação: Os projetos de trabalho. Artmed.
- Kenski, V. M. (2021). Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação (9ª ed.). Papirus.
- Kuhn, M. R., & Stahl, S. A. (2016). Fluency: A review of developmental and remedial practices. In P. D. Pearson & E. B. Moje (Eds.), *Handbook of reading research* (Vol. 4, pp. 412–431). Routledge.
- Kuhn, M. R., Schwanenflugel, P. J., & Meisinger, E. B. (2020). Aligning theory and assessment of reading fluency. *Reading Research Quarterly*, 55(S1), S13–S28. <https://doi.org/10.1002/rrq.277>
- Lakatos, E. M., & Marconi, M. A. (2017). Fundamentos de metodologia científica (8ª ed.). Atlas.
- Lévy, P. (1993). As tecnologias da inteligência. Editora 34.
- Ministério da Educação. (2024). Estratégia Nacional de Escolas Conectadas. <https://www.gov.br/mec>
- Moran, J. M. (2018). Metodologias ativas para uma educação inovadora. Papirus.
- NIC.br. (2024). Pesquisa TIC Educação 2023. <https://www.nic.br>
- OECD. (2021). 21st-century readers: Developing literacy skills in a digital world. OECD Publishing. <https://doi.org/10.1787/a83d84cb-en>
- Papert, S. (1980). *Mindstorms*. Basic Books.
- Pereira, M. A., & Gomes, R. S. (2021). Tecnologias digitais e práticas pedagógicas. *Revista Educação e Tecnologia*, 26(2), 45–62.